



POSTA-VIAJANTE NO CAMINHO DE FERRO
ENTRE LONDRES E BIRMINGHAM.

A CARRUAGEM, que esta estampa representa é uma das modernas invenções, com que os homens tem procurado d'algum modo abbreviar o tempo e encurtar o espaço: nella se mostra a carruagem de posta que serve de conduzir as malas pelo caminho de ferro de Londres a Birmingham: comprehende escaninhos como de armario, gavetas e outras arrumações necessarias: vão dentro um ou mais escripturarios e um guarda: os primeiros para separarem e dispo-rem as cartas, durante a jornada, e o ultimo para receber e dar as bolças das malas; para facilitar esta operação e evitar que para isso haja no transito alguma parada, está pegado ao lado da posta um aparelho de ferro com uma rêde aberta para receber as malas, assim que alli cabe a bolça que deitam de fóra, logo da posta sahe outra pelo maquinismo da invenção de J. Ramsay: o que tudo se opera n'um instante. A carruagem desta posta tem de comprido $14\frac{1}{10}$ pés portug.; de largo 7 pés, e de alto $6\frac{3}{10}$ ditos: e custou 2:400 \$ 000 réis.

Birmingham é uma das grandes cidades commerciaes e fabricantes da Inglaterra; entre ella e a estação da posta em Londres medeiam 112 milhas legaes inglezas ou muito pouco mais de 29 leguas terrestres das nossas de 18 ao gráu: este caminho anda a posta viajante em cinco horas, tendo quatro paradas em que ao todo gasta 25 minutos; a viagem á noite leva mais meia hora.

Esta expedição das malas anda por contracto: todos os dias ha carruagem de posta de ida e volta, e o mesmo todas as noites; os contractadores recebem por anno 41:360 \$ 000 réis.

O INFANTE SANTO.

[1437.]

III.

“POR minhas barbas—dizia dias depois um dos capitães christãos a outros reunidos na tenda do infante D. Fernando—que não sei eu a que o Sr. infante nos chamou aqui nem posso atinar com as razões que o moveram a tão trigosamente (1) ajuntar con-

(1) Apressadamente. — 1450.

selho.— Se é para nos irmos a abrir caminho por entre essa mourisma infiel, que nos aperta e suffoca, bem lhe haja que mal posso já menear-me á vontade em tão estreito espaço como este em que nos encerraram e antes me quizera ver em planicie descuberta, ainda que se me pozessem diante tantos quantos perros descritos pôde produzir esta maldita terra d'Africa.,,

“Tambem como a vós, meu guapo amigo — acudiu d'alli outro com ar sisudo e de meditação — me pesa a mim o ar que respiro, tão carregado de blasphemias delles, e tão cheio de dôr e de desespero para nós, que nos consumimos em ocio como se fomos villões medrosos mettidos no seu canto a espreitar alcatêa de inimigos.,,

Eram os que assim praticavam os mesmos cavalleiros nomeados no antecedente capitulo.

Mas eram outras as circumstancias, outra a scena e outro o logar.

“Cães... cães! — continuava D. Duarte de Menezes, o ultimo que fallára. — Cães! que não se atrevem a vir medir com seus alfanges mais bastos e e cerrados do que a relva das campinas o comprimento das nossas raras espadas!

E batia com o punho fechado sobre a taboa grosseira d'uma banca rude que alli lhe ficava á mão.

“Ah! cavalleiros — tornou então o primeiro interlocutor, o destemido D. Alvaro d'Almada — vissemos-nos nós em campo aberto e chão e, mal que pesasse aos seus (2) 96 mil ginetes e seiscentos mil peões, como dizem os que os contaram, valeríamos quando menos a abrir por elles caminho até as praias, que tal retirada ninguem lhe poderá chamar fuga antes fóra tamanho feito que daria longo brado de nós pelo mundo, sendo digno em tudo de quantos nos achámos.

“Senhor D. Alvaro — tornou D. Duarte no seu tom habitual e severo — não vo-lo tinha eu dicto? Parece que despovoaram a Africa para nos vir entallar entre muros de ferro e muralhas de pedra, a nós poucos portuguezes tão longe da nossa terra. As-

(2) Damião Antonio. Histor. de Portugal vol. 6.º — Fray Hieronimo Roman, Hist. de los dós religiosos infantes. — O P.º João Alvares, Chron. da vida e feitos do infante D. Fernando. &c. &c.

somade vós aqui, amigo—continuava elle entreabrindo a cortina da entrada. — Assomade aqui e podeis ouvir o murmuro, que fazem lá nos seus reaes, mais fundo e medonho que estertor de vagas altas a atormentarem-se em quebrada de rochedos.—Ouvide-os, cavalleiro. Ha alli tantas bocas que todas não bastarieis vós a conta-las no espaço de muitos dias. . . mas ainda não é isto . . . não é essa multidão que me faz doer na alma . . . nem a arreceio . . . nem a arreceiava. . . ha outro inimigo mais poderoso e mais cruel. . .

E ao honrado e valoroso D. Duarte escorregava pela face tostada uma lagryma unica, que elle mal atinava a occultar, e que muda lhe descia pelas rugas prematuras com que os cuidados e a guerra lhe tinham sulcado o rosto nobre, similhando regato limpido que se deslizasse por terreno escabroso. Era talvez a primeira que em sua vida derramava: todos — que bem o conheciam—vieram para elle com interesse, e sem se atreverem a interrompe-lo n'aquella dôr veneranda aguardaram que fallasse.

Passaram-se alguns segundos assim.

A final a voz venceu o espirito.

Lá estão — disse o leal guerreiro como respondendo ás suas idéas — lá estão a esta hora aquellas duas almas generosas praticando entre si, sacrificando-se talvez por nos salvar a nós; talvez quebrando os orgulhos de seus animos altivos por poupar algumas vidas. . .

“Poupar algumas vidas—interrompeu D. Alvaro scintillando-lhe a alma nos olhos — e que vidas se hão de querer poupar quando se trata do serviço dos senhores infantes e da honra d'elrei e do reino. Poupe-a quem quizer que por minha parte vos fio que. . .

“Não me atalheis senhor D. Alvaro — acudiu o fiel batalhador de Ceuta. — Nem vós, nem eu, nem nenhum dos que estamos aqui pode já agora fugir á sua sina. Quando vos eu dizia, cavalleiros, que esses montes que nos rodeiam entornariam torrentes de homens na planicie, não era o seu numero que me dava cuidado, era este modo de nos encadear braços e ferros. Por mais bastos e valentes que fossem que peito tão robusto ou que esquadrão tão fechado ha ahí que o não rompa uma espada portu-gueza em mãos portuguezas? . . . Mas a sêde n'estas arêas queimadas! Experimentaste vós já por ventura o que é passar dias e dias com a boca secca, a garganta entaboada e os olhos escaldados? Sabêdes o que é ancian pela noite, abrir os labios ao orvalho do céu, esperar almejando que vos venha sequer refrescar as fauces entumecidas, e depois ficar mais sequioso do que antes? Imaginastes o que é revolver-se na arêa abrazada um infeliz mais abrazado ainda, pedir em gritos desesperados ao ar e á terra agua e frescura, e o ar e a terra, surdos e de bronze a seus brados d'alma, queimarem-lhe com ardor maior as entranhas mirradas? Ah! cavalleiros, morte gloriosa em campos de batalha quem lhe não dirá na hora em que vier “bem vinda,, . . mas assim! morrer assim! . . .

“Mas que fazemos nós aqui, senhores—cortou D. Alvaro — á espera que nos matte a sêde e nos quebrante de todo os pulsos? Saiamos em quanto é tempo. Ei-los estão lá fóra esses sarracenos covardes apinhados em redor de nós. Alem dos seus reaes estão fontes que nos apaguem a secura e se fontes não bastarem teem sangue nas veias infieis. . .

“Bem dito, bem dito! — clamaram a uma voz quantos eram presentes.

“*Omnès gentes plaudite manibus.* (3) — clamou tambem o bispo guerreiro.

(3) Batei as palmas, ó nações todas. Psalmo 46.

Mas D. Duarte ficou triste e taciturno como d'antes e fez-se um momento de silencio.

“Se houvessem todos almas como as vossas, honrados amigos, não acabariamos nós de certo aqui fechados e a prego da morte de muitos comprariamos talvez para alguns a esperança de voltar á patria, mas não acontece assim. Os soldados desanimados á vista de tamanha multidão, e cortados pelos trabalhos do cerco e pela sêde que os aperta, largam as armas sem accordo e posto que se não recusem a sahir a campo tão mal o fariam que mais nos serviriam de estorvo que d'auxilio. Os senhores infantes, que o sabem, tratam de lhes resgatar as vidas como quem bem aprecia que tambem elles são homens, e que lá no reino lhes ficaram mãis e esposas que todos os dias vão estender os olhos pelo horisonte ermo a ver se ahí lhes despontam novas d'Africa. Alargai tambem os vossos ao nosso campo, cavalleiros, que numero achais que encerra? Não mais que tres mil, metade de quantos eramos, que aos outros já essas arêas estrangeiras roem os ossos gloriosos. Se esses ao menos tivessem brios e animos iguais aos vossos, ai dos infieis! mas fugiu-lhes a confiança e com ella a esperança de salvamento. Pelejarão por officio e deixar-se-hão morrer por desalento. Deus sabe o que hade vir. . . porem de mim vos digo já que em quanto os senhores infantes carecerem d'uma espada para sua defesa não deixarei dormir a minha. . .

“Nem eu, nem eu — interromperam todos.

D. Duarte continuou mais desassombrado.

“Depois se o senhor permittir que os veja ir a salvo para o reino e para isso precisarem d'um baluarte, porque o façam a cuberto aqui está este corpo, que não sabe ceder facilmente ao combate d'essas ondas mouriscas, e que mais d'uma vez lhe tem rebatido a rijeza do encontro.”

D. Alvaro d'Almada chegou-se então silenciosamente ao digno capitão e sem quebrar a religiosa mudez que reinava apertou-o nos braços, cuberto de ferro o peito tambem de ferro do leal cavalleiro. Assomava-lhe ao rosto sereno e risonho, ainda no maior perigo, a calada linguagem do sentir fundo do coração. Tremendo como de envergonhado palpitava-lhe na palpebra uma lagryma elegante. E o que dizia aquelle abraço dos dois homens mais valentes de Portugal não o diriam volumes.

E quem hoje abrir a chronica d'aquellas grandes eras como se não recolherá em sua alma — se por fortuna a tiver — e se não encherá de ufania por se chamar com um nome commum áquelles heroicos pelejadores, modelos de lealdade.—Tres mil guerreiros lançados como um ponto minimo no meio da Africa armada, quebrados de fadigas, gastos de combates, ralados pela sêde e requeimados por aquelle céu ardente e despiedoso, e ainda assim, ainda tão poucos e tão fracos, temidos como leões, rodeados pela matilha agarena que lhes atroava os ouvidos com latidos vãos e que medrosos do seu ferro se contentavam em minar-lhes surdamente as forças e os animos! Formoso, formosissimo espectáculo para os raros que ainda crêem na gloria do que foi e na religião das tradições, herança unica que de taes tempos ficaram, unico documento que podemos ainda levar nas mãos para o mostrarmos a depreciadores estranhos e malevolos invejosos.—Mas os modernos pensadores riem d'isso como de cousa velha e desusada, voltam os olhos para não ver, e murmuram lá consigo alguma blasphemia de escarneo, sem se lembrarem que é grande um povo quando repousa á sombra de grandes tradições, e se assenta no livro gigante de seus feitos gloriosos, escripto no marmore e no granito. Loucos! O estrangeiro que vem de

longe visitar o paiz d'essas velhas glorias não pergunta ao desembarcar por tal ou tal lyceu, por um theatro [nem tinha por que perguntar] ou por uma universidade moderna; não. Os primeiros nomes que lhe cahem da boca são "Alcobaça, Batalha e Belem?" Isto é o Oriente, Aljubarrota e Ourique. Que riam então, que zombem e escarneçam os novissimos e noviços innovadores sem consciencia e sem tino.

Mas iamso longe do nosso assumpto.

O dialogo que acabastes de ouvir era como dissemos passado na tenda do infante D. Fernando. Convocava-os alli o infante e na sua ausencia mata-vam elles o tempo na ponderação da sua tão arriscada situação, menos porem como homens empenhados em tamanho risco do que como guardas incumbidos da defensão de seus illustres chefes. O para que o infante os chamara ignoravam-o todos: sabiam só que os dois irmãos encerrados na tenda de D. Henrique tinham largamente praticado, e em resultado da sua conferencia foram mandados ao campo mouro como enviados D. Fernando de Menezes, Ruy Gomes da Silva, Fernão de Andrade e João Fernandes d'Arca. Os quatro cavalleiros não tinham ainda voltado e era com viva impaciencia que os do campo os aguardavam.

"Quero que me tenham por villão — dizia D. Fernando Coutinho com impaciencia de mancebo — se posso atinar com este conselho tão apressado e tão esperado e com estas idas e venidas. Morde-me a curiosidade por advinhar o que será... e subio de ponto o meu desejo com essa nova que só agora vos lembrastes nos dar, Sr. Conde d'Arrayollos. Pois que! é certo que os mouros enviaram mensagem aos senhores infantes! Que podem elles querer de nós outros que estamos em seu poder?... Se deveras foi mensagem havia ella ser comigo, que a resposta não teriam elles muito que esperar.

"Que fariéis vós ao enviado, D. cavalleiro? — perguntou o bispo com semblante desanuveado.

"Que faria? — tornou D. Fernando. — Faria abrir-lhe no pescogo a estrada do inferno e mandar-lhe-ia a alma damnada de presente a Satanaz seu senhor.

"Approvo a lembrança — acudiu D. Alvaro sorrindo. — Era pagar-lhes adiantado.

N'isto estavam quando da banda dos reaes dos mouros soou ruído de ginetes tropeando surdamente no areal.

"São elles, são os enviados! — bradaram a um tempo os da tenda e sahiram a vê-los.

Tão verdade é que ainda nas circumstancias mais apuradas e espinhosas não ha animo por mais que esteja preocupado que resista a essa sêde de saber e conhecer, fonte e origem de tantos bens e males, que ora parece provar a perfeição do espirito, ora escurecer-lhe a luz. É que a vida é breve e o desejo é vasto.

Á frente dos quatro enviados vinham os dois infantes. Entraram todos. Quatro bésteiros de cavallo vieram postar-se em frente da entrada fazendo conter em respeitosa distancia quantos a curiosidade atrahira. E o recinto da tenda agora de novo mais abundantemente povoado guardou alguns instantes solemne silencio.

"Amigos e senhores — prorompeu emfim o infante D. Fernando com magestade e doçura — não foi baldada a confiança que tive em vós. Aqui vos achais todos: escutai-me pois. É menos um conselho que tenho a pedir-vos do que uma declaração a fazer-vos.

"Quando o senhor rei D. Duarte, nosso mui querido e respeitado irmão, nos encommendou o

mando e governo desses fieis e leaes vassallos e seus servidores, deu-nos a obrigação de velarmos por elles e de lhes zelarmos as vidas, que de tão bom grado arriscam em defeza vossa e em prol e bem do reino. — Ouvide-me, senhores. — Foi mercê de Deus que essa cidade orgulhosa resistisse aos fios valentes dessas espadas robustas; foi seu talante o pôr-nos em tão apurado transe como este que nenhum de vós outros ignora. Pois bem: tudo o que é dado a um valor humano tentar tendes-lo vós tentado. Noventa mil lanças fugiram diante de vós no primeiro repelão. Não foi bastante, nem ficaram desenganados. Recuaram para voltarem de novo mais reforçados e bem dispostos. — Bem os vedes. — A terra d'Africa envergou o arnez e abraçou a adarga como se fôra um só homem, e ei-la se alevantou e veio para nós. — Do alto dos curuchéus agarenos a voz do almoaden troou por toda a Berberia, e não houve braço que se não erguesse, nem ferro que se não alçasse. E nós aqui tão longe da patria... tão longe!...

Neste ponto a voz do nobre infante pareceu abalar-se-lhe até ás raizes do coração. Parou um momento, e continuou em tom mais firme.

"Nós aqui... enterrados nestes poucos palmos rasgados do solo infiel, sem soccorro nem protecção, mais seriamos martyres do que soldados, se Deus não tocasse na alma dos barbaros."

Os cavalleiros apertaram o circulo em redor do infante, em quanto elle, tendo cobrado valor e firmeza novos, assim proseguia:

"Sim, senhores, foi de certo grande milagre do céu o que vos eu vou agora contar. Hontem pelas horas mortas da noite os esculcas do campo deram parte de que aos postos mais adiantados era chegado um mouro mensageiro. Ouvimo-lo, eu e D. Henrique, meu mui sabedor e discreto irmão, e se para logo vos não convocámos, foi por temer do vosso zelo a vossa mesma perda. Trazia elle por sua embaixada o propor-nos livre faculdade para nos sahirmos desta prisão em que nos teem, salvas as armas e as vidas, e permittido o voltarmos ás galés, promettendo nós a entrega de Ceuta e de todas as terras conquistadas, com pacto e promessa de inteira cessação de guerra por espaço de cem annos."

Um relampago de furor scintillou nos olhos dos cavalleiros. D. Fernando proseguiu inalteravel.

"São duras as condições, porem senhores mais vale ceder á má ventura quando ha ainda esperanza de melhoria, do que ter de dobrar e cahir quando nem já ha apparencias de nos podermos alevantar. Estamos nas mãos dos barbaros, senhores; força é confessa-lo, nem esta hora solemne é para disfarçar males urgentes. Se regeitámos as condições, ou nos fiquemos aqui encerrados ou nos saiamos ao campo, é perda inteira o que nos espera. Houve entre nós um traidor."

Tremeram todos.

"Houve-o sim, nobres e honrados cavalleiros, e foi da nossa propria casa, e foi um sacerdote de Christo. — Martim Vieira, nosso capellão, passou-se aos inimigos, e foi revelar-lhes nossa fraqueza."

A indignação apertou os corações e tolheu os brados a quantos isto ouviram. O infante apoz breve e doloroso silencio, seguiu melancolica e resignadamente.

"Se tentamos ganhar as galés — as galés estão longe da praia, e antes que tal acabemos cabiremos todos esmagados debaixo do peso tremendo dos infieis. Assim senhores, tendo nós bem e devidamente consultado e pesado vossos interesses e nosso mister de capitães de tal gente; lembrados de que comvosco se perderia a boa e formosa cavallaria d'Africa;

que Ceuta enfraquecida cahiria de todo o modo em poder de agarenos, que daqui se iriam soberbos a conquista-la; e que em fim roubariamos ao senhor rei os seus melhores vassallos e ao reino os seus mais fieis defensores, tendo d'ante-mão, pausada e attentamente, medido e calculado que grande é tremenda responsabilidade era perante Deus o sacrificar tantas e tão preciosas vidas.... acceitámos as condições!

D. Henrique, apesar da sua firmeza e assentada resolução, corou de despeito, não por se ver assim obrigado a arrancar seus bons cavalleiros á perda que elles proprios anhelavam; mas porque tendo sido o primeiro motor desta guerra, era tambem agora o primeiro a propor capitulação. D. Fernando abaixou modestamente os olhos para a terra, e por toda a assemblea correu um murmurio surdo semelhante ao agitado palpitar das ondas em riba agreste e resingueira, que não era facil distinguir se era de dor ou de cholera. Apenas sobranceira áquelle mar atormentado se pôde perceber a voz de D. Duarte de Menezes, que sussurrava com os dentes cerrados:

“Perder Ceuta! perder Ceuta!”

E a de D. Alvaro d'Almada, que pousava a mão no punho da espada, resmoneando lá consigo:

“Condições! aqui está uma boa condição!”

Em quanto que o bispo, alevantando os olhos ao alto, e fazendo retinir no surdo bater do pé raivoso os seus agudos acicates, murmurava:

“*Benedicam Dominum in omni tempore!*” (4).

A final a tempestade cahiu, e o nobre infante continuou ainda:

“Ruy Gomes da Silva, continuai vós e dizei o que passastes: sois discreto e avisado, e como tal vos haveis.”

(4) Bemdirei ao Senhor em todo o tempo. *Psalmos 33.*

“Pouco tenho a acrescentar ao dito pelo senhor infante. — Vi os mouros e os reis de Fez, Marrocos e Tafieta, e com elles conclui, d'accordo com estes nobres cavalleiros que me acompanham, e segundo me instruíra o senhor infante, as condições que já sabedes, sendo fiador dellas por parte dos mouros o filho do alcaide de Tangere, e pela nossa aquelle ou aquelles d'entre vós que a tanto se offerecer.”

O infante tomou de novo a voz. Seu gesto aqui era sublime e suas palavras breves e cortadas como que soavam semelhantes a um hymno santo:

“Os arrefens que vamos dar, senhores, são mais antes martyres que prisioneiros. Falta ouvir o conselho do senhor rei, e o conselho póde desmanchar quanto hemos feito. — Ouvide. — Não é pessoa vulgar a que os mouros querem. — Teremos de lhe ceder um nome principal. — Ha gloria aqui — ha gloria e gloria grande; mas ha grande perigo... qual de vós lhe quer correr o risco?”

Houve instante de mudez absoluta, depois algumas vozes sumidas quizeram dizer:

“Eu... eu... eu...”

Todos eram valentes, mas todos recuavam diante daquelle perigo sem esplendor.

Então D. Fernando, lançando em roda os olhos tão cheios de suave melancholia, pareceu chorar a sorte daquellas victimas, e clamou em voz forte e sonora:

“Nenhum de vós o será.”

Não houve olhos que se não cravassem no nobre infante, e D. Duarte de Menezes, mal ousando respirar, tão opprimido estava de dor e angustia, perguntou tristemente:

“Quem o será então?”

“Eu! — respondeu o infante com energia.

D. Henrique cahiu em seus braços — os cavalleiros a seus pés.

(*Continúa.*)



O LAGO DE TIBERIADES.

QUEM tiver conhecimento dos livros divinos, em que se fundamenta a nossa crença, não desconhecerá os tres nomes do formoso lago da Terra-Santa, que tantas vezes J. Christo santificou com a sua presença: mar de Galiléa, lago de Genesareth, mar

de Tiberiades, são denominações familiares ás pessoas dadas á leitura dos evangelhos; mas esta lição, apesar de tão importante por conter a irrefragavel historia da origem da religião que professámos, não é tão vulgar como podéra e devéra ser, havendo dos livros

biblicos nada menos de duas traducções em o nosso idioma (1): por isso não perderemos occasião de lembrar os factos que tiverem relação com os desenhos de alguns sitios da Palestina, que neste jornal estampamos; logrando nesta nossa applicação dois intuitos: — suscitar a leitura das santas escripturas, e facilitar o conhecimento dos logares onde se passaram tão sublimes scenas.

18. E caminhando Jesus ao longo do mar de Galiléa, viu dois irmãos, Simão, que se chama Pedro, e seu irmão André, que lançavam a rêde ao mar, [porque eram pescadores].

19. E disse-lhes: vinde apoz mim e farei que vós sejais pescadores de homens.

20. E elles sem mais detença, deixadas as rêdes, o seguiram. (2) Nos versiculos 21 e 22 se relata o como tambem chamou os dois filhos de Zebedeu, que concertavam suas rêdes, outros dois apóstolos, S. Thiago e S. João, sendo promptamente obedecido; e com homens, na apparencia tão grosseiros, com elementos humanamente tão fracos se fundou uma religião, contra a qual não prevaleceram tyrannias e que se espalhou pela superficie da terra.

Foi tambem ao longo de Tiberiades que o Salvador appareceu aos apóstolos, depois de resurgido, e lhes mandou apanhar um grande lanço de peixes, como se lê no Evang. por S. João, cap. ultimo *in principio*: porquanto os apóstolos, ainda depois da sua vocação, continuaram no exercicio da pesca, porque [segundo reflecte S.^{to} Agostinho] era mister innocente e nada incompativel com a pureza de costumes que seu emprego requeria: e assim o executaram para ganharem honestamente com que viver até começarem a prégagão.

O lago é rodeado, excepto ao sul, por um amphitheatro de elevadas montanhas pardacentas ou denegridas: estreita-se nessa parte meridional para deixar sahir o maravilhoso rio Jordão, que percorrendo o seu dilatado valle se perde finalmente no lago asphaltite ou mar-morto, onde foram Sodoma e Gomorrha. — Ouçamos agora o illustre viajante e poeta, nosso contemporaneo, o Sr. Affonso de Lamartine.

— «Sabe o Jordão do lago em voltas como as roscas d'uma serpente, e a cousa de 50 passos escoa-se pela planicie baixa e alagadiça de Esdraelon; passa um tanto espumoso e dando a ouvir o seu primeiro murmurio por baixo dos arcos arruinados de uma ponte de architectura romana. Para alli nos encaminhámos por uma ladeira ingreme e pedregosa, e quizemos saudar as aguas consagradas pelas recordações de duas religiões! Em poucos minutos chegámos á margem, apeámos-nos e banhámos a frente, mãos e pés, naquellas aguas dóces, mornas e azuladas, como as do Rhódano quando foge do lago de Genebra (3). O Jordão, nesta paragem, em que deve estar quasi ao meio do seu curso, não seria digno do nome de rio caudal n'um paiz de mais amplas dimensões; todavia sobrepuja muito o Eurotas, o Cephiso e todos esses rios, cujos nomes fabulosos ou historicos fazem echo bem cedo em nossas memorias de rapazes, e nos appresentam uma ima-

gem de força, de rapidez e de abundancia, que o aspecto da realidade destroe. Ainda aqui mesmo o Jordão é superior a uma torrente: posto que em fins de um outono sem chuvas, deslisa brandamente por um leito de perto de cem pés (4) de largura uma fita de agua, de dois a tres pés de profundidade, clara, limpida, transparente, que permite contarem-se os seixinhos do fundo, e de uma dessas bellas côres de agua que reflectem toda a côr intensa do firmamento asiatico — mais azul, se o podemos dizer, que a atmospheria, como uma imagem mais formosa que o objecto, como um espelho que empresta tintas ao que reflecte. A 20 ou 30 passos a praia, que está agora secca, é semeada de pedras roliças, de juncos e de algumas moitas de eloendros em flôr.»

Prosegue o auctor descrevendo o rio sagrado, mas como não é esse o nosso objecto especial, acompanhá-lo-hemos ao mar de Tiberiades. — «Viam-se duas aldéas penduradas nas bordas escarpadas do lago de Genesareth. . . Ignoravamos que raça de arabes as habitava e forámos prevenidos para que estivessemos acautelados e nos recessamos de algum assalto dos arabes do Jordão, que não soffrem que impunemente lhes cruzem as planicies e o rio. Nós iamos bem montados e bem armados, e a conquista rapida e inesperada da Syria por Mehemet-Ali, tal medo e assombro incutira nos arabes que era bem escolhida a occasião para intentar ousadas excursões pelo seu territorio. . .» — Com effeito o viajante pôde, sem perigar a sua segurança, visitar esta parte da Galiléa, outr'ora tão infestada e temida, passeando aos 15 d'Outubro de 1832 pelas praias do formoso lago de Genesareth. Está interessante aggregação de aguas terá apenas uma legua de largo na extremidade meridional, por onde sahe o Jordão, vai-se dilatando insensivelmente até a altura de Emmaús, extrema do promontorio que para esta banda occulta a povoação de Tiberiades; depois as montanhas que até alli a estreitam expandem-se subitamente para os dois lados em golphos espaçosos, e formam uma caldeira vasta quasi redonda, appresentando um leito de perto de doze a quinze leguas de 25 ao gráu em circuito, mas que não é de fórma regular; nem as montanhas circumvisinhas descem em toda a parte até a beira d'agua; ora recuam a alguma distancia da praia deixando no intervallo umas courellas baixas, ferteis e vigosas, ora se separam umas das outras para darem entrada a esteiros que lhes banham a raiz e a que ellas fazem sombra. —

O mais suave e habil pincel não desenharia contornos mais mimosos e arredondados, mais indecisos e variados que esses que a mão do Creador riscou a estas aguas e montes. Ao nascente, as serranias formam, desde as assomadas do Jelboé que se divisam para o meio-dia até as do Libano que apparecem ao sul, uma cordilheira apertada e unida, mas ondulosa e flexivel, cujos encadeamentos sombrios parece que a intervallos se despegam e estalam para dar passagem a porções da serena atmospheria: não acabam em pincaros recortados, em rochas aguçadas pelas tempestades, que, patenteam as pontas amolgadas pelos raios e descarnadas pelos ventos, e que ás elevadas cadéas de montanhas dão um certo aspecto de ancianidade, e terrivel e devastado, que sublimando o pensamento entristece todavia o coração. Ao contrario minguem em partes graciosamente, fazendo cabeços, mais ou menos declives, e revestidos uns de arvores espalhadas, outros de matto vecejante; aquelles de terra nua, mas fertil, que

(4) O pé francez, igualmente como o nosso de 12 pollegadas, equivale todavia proxivamente a 0,984 do pé portuguez.

(1) A do celebre P.^o Antonio Pereira de Figueiredo, e outra pelo P.^o Sarmiento, Geral da 3.^a ordem seraphica da penitencia, coordenador das horas marianas e da semana santa, e auctor de outras obras mysticas: não fallando na versão do judeu, João Ferreira, que não é orthodoxa.

(2) Evangelho segundo S. Matheus, cap. 4.^o: acha-se quasi pelas mesmas palavras referido o successo no primeiro cap. do Evang. segundo S. Marcos do 16.^o até 21.^o

(3) Vid. a estampa e noticia a pag. 2 do 3.^o volume.

offerece ainda vestígios de varia cultura; outros em fim onde a vista só descobre a reflexão da luz da tarde ou da manhã, que deslizando-se pelas suas superficies os tinge de amarello, ou de azul violeta, côres tão bellas que não podem achar-se na palleta do pintor. As encostas, posto que se não abram em valles propriamente taes, não formam um muro uniforme; de distancia em distancia fundos e largos algares as rasgam, como se as montanhas se gretassem com o proprio peso: e os accidentes naturaes da luz e sombra fazem desses barrancos manchas luminosas, ou frequentes vezes obscuras, que atrahem a vista e quebram a uniformidade dos contornos e da côr. Mais para baixo, abatem-se por si mesmas, e prolongam para o lago, por aqui e alli salpicados, monticulos semi-esphericos transição suave e graciosa entre os cimos que as corôam e as aguas que lhes reflectem a imagem. Rarissimo é, que da banda do oriente, acima do tapete vegetal que as forra copiosamente, surjam algumas cabeças de rochedos: esta arcadia da Judéa reúne á magnificencia e gravidade das regiões montanhosas o quadro da abundancia e fertilidade da terra.

SÁ DE MIRANDA.

II.

DISSEMOS no artigo precedente que julgavamos provavel que algumas poesias de Sá de Miranda tivessem sido impressas avulsas ainda em sua vida, ou pelo menos antes da primeira collecção, que é do anno de 1595. — Desta edição de quarto vimos um exemplar, e cumpre-nos a seu respeito verificar o engano da Bibliotheca Lusitana, onde dá a entender que no fim se acha a comédia *Filhalpandos*, sendo que em verdade se encontra a que se intitula — *Os Estrangeiros*, e não aquell'outra. — Por esta edição foi feita a ultima publicada na Impressão Regia em 1804; — e em nossa opinião são ainda as que mais conceito merecem. — Em 1614 publicou-se uma nova edição; disse-se que vinha correcta pelo original e mais augmentada: — a veracidade desta ultima clausula attestâmos; porem quanto á authenticidade do tal original, e das emendas, muitas duvidas nos occorrem, sendo a principal e decisiva que todas ou quasi todas as variantes denunciam por si mesmas serem de penna mui differente da de Sá de Miranda. Talvez seja este exemplar o mesmo que foi para a Bibliotheca Real de Paris como original — e que as taes chamadas emendas se não foram obra de algum editor, que as fez por especulação, tivessem origem no nimio zêlo de algum descendente pela memoria do seu parente, que quiz polir e aformosear as obras deste; á maneira de quem nos velhos retratos dos seus antepassados faz ou manda fazer retoques por inhabil pincel que apaga todos os traços fysionomicos, levando só a mira de appresentar os quadros com vivo e bonito colorido, ou — e não sabemos se haverá ainda mais propriedade para o seculo — do que ultrajando a antiguidade veneranda das escuras muralhas do castello solar dos seus antepassados manda lavar as cantarias com agua vitriolada, e aperfeiçoar de gesso e estuque pintado as pardacentas alvenarias da idade média. — Porem deixando-nos de comparações, quando duvidâmos da origem fundamental, é certo que taes variantes passaram como emendas sem que a critica as examinasse; e nas edições ultteriores foram repetidas. — Em 1626 foram impressas no Porto somente as satyras em um volume de 8.^o — Sabiu a terceira edição das poesias em 1632. — Publicou a quarta Paulo Craes-

beek em 1651 em um voluminho de 16: se bem que esta não é mencionada pelo abbade Barbosa, os curiosos de Lisboa poderão desenganar-se da sua existencia vendo um exemplar que existe na livraria publica do extincto convento de Jesus, — actualmente da Academia. A quinta igual a esta, porem em um vol. em 12 de 346 pag., foi publicada em 1676 e offerecida ao marquez de Gouvêa.

Em 1784 sahiram da typographia rolandiana as obras em dois volumes de 8.^o comprehendendo as comedias, e esta, talvez por ser a edição mais completa que existe, foi adoptada pela Academia e recommendada no catalogo dos livros que se hão de ler para a composição do Diccionario portuguez. É conforme nas poesias ás edições anteriores, e á 2.^a de 1614; comtudo appresentam todas estas tantas variantes comparadas á primeira de 1595, e algumas de tal natureza e tão pouco a proposito, que a julgâmos ainda incompleta em quanto se lhe não addicionarem essas variantes, parte das quaes temos repugnancia de attribuir á energia e simplicidade verdadeira do auctor. Só um trabalho appresentando taes differenças dispensaria aos possuidores da edição de 1784 a outra moderna da impressão regia de 1804, igual á primeira, e até agora injustamente despresada. É a differença tão consideravel que até nos poucos versos que transcrevemos nesta noticia nos vimos embaraçados na preferencia das variantes, e ás vezes dêmos ambas.

É natural que alem destas edições sahisse em Castella mais alguma que não conheçamos. Parte das mais producções de Sá de Miranda ficaram manuscritas, e outras foram impressas em Florença em 1623, na collecção de rimas de Estevão Rodrigues de Castro, o que Barbosa se esqueceu tambem de advertir.

Diz-se que quasi todas as composições de Sá de Miranda teem o merito de serem allusivas a casos particulares succedidos na corte de elrei D. João 3.^o, aproveitados com engenho e artificio poetico.

Entre os auctores que fallaram com elogio deste poeta, citaremos Jorge de Monte-Mayor e Lope de Vega com os quaes tratou por escripto, e alem destes Ferreira, Bernardes, Macedo, Gracian, Figueiredo Durão, o P.^o Antonio dos Reis e o academico Francisco Dias. Este ultimo, tão erudito e atilado na litteratura do meio-dia da Europa, quão pouco era de esperar da situação humilde em que passou a vida [era tendeiro] nos ajudará nas linhas com que vamos terminar este artigo. E ainda que bem nos persuadamos que Sá de Miranda não foi o introductor do verso hendecasyllabo em portuguez, pois já o vemos varias vezes no cancioneiro de Resende, e muito menos o foi do setenario que já antes apparecera em varias composições do mesmo cancioneiro, no crisal [de Christovão Falcão] e ainda mais nas saudosas poesias do apaixonado Bernardim Ribeiro; comtudo cumpre confessar que foi Sá de Miranda quem, estudando por Ariosto, Boscan e Garcilasso, os fixou provando com muitos exemplos accommodarem-se tanto á nossa lingua como á italiana e castelhana, e determinou assim as normas das construcções accentuaes e disposições das simuldencias.

« A imitação deste sabio poeta [diz F. Dias] é pela maior parte hycastica; se nella vemos o grotesco da poesia, sem disfarce, muitas vezes sem alinhio, e quasi sempre com as maculas nativas; tambem observamos a natureza com todas as suas propriedades, sem mais ornamento que o da sua propria simplicidade. Se os seus rasgos não teem aquella vivacidade, aquella audacia, com que se annuncia um grande poeta, teem ao menos um andamento sabio e modesto. » — A sua poesia é pouco imaginativa, — falla

mais ao espirito: Francisco de Sá pertendeu philosophar em verso, e rimar suas máximas de moral, que nem sempre estiveram promptas para accommodar-se á poesia. Essa foi sem duvida a causa essencial d'elle perder em elegancia, sendo aliás o primeiro poeta nacional que grangeou mais popularidade.

O seu expressar é conciso, mas vigoroso e claro; pinta o ridiculo e o fausto com sufficiente vivacidade, e ha quem julgue que elle neste seculo 19.^o sabiria um bom La Fontaine. Aos que quizerem estudar com toda a analyse as poesias de Sá de Miranda recommendamos a memoria do citado academico Dias, que vem no tom. 4.^o das de litteratura.

Foi Sá de Miranda versadissimo na lingua grega, a tal ponto que, segundo dissemos, até nesta lingua commentava o seu Aristoteles.

Era grosso de corpo, estatura meaã, alvo e pouco corado, de cabello preto, barbas muito bastas e crescidas, nariz aquilino, de apparencia melancolica; mas facil no trato, e de voz cheia de graça e sonora. Foi destro na gineta, e inclinado á caça dos lobos. Morreu como pio e catholico christão, e foi enterrado na igreja de S. Martinho de Carrazedo [arcebispado de Braga], na capella de St.^a Margarida aonde está tambem a mulher e familia. Martim Gonçalves da Camara lhe mandou depois pôr um epitaphio de dez versos latinos que nada tem de singular, e os curiosos que o desejarem ler o acharão na Bibliotheca Lusitana do abbade Barbosa.

P. A. de V.

SIGNAES CHARACTERISTICOS PARA CONHECER
AS OITO DIFFERENTES ESCHOLAS
DE PINTURA.

Seculo 13.^o — Eschola senense.

Foi estabelecida por *Guido de Sena*, nascido em 1191, e fallecido em 1280. Os professores desta eschola tiveram particularmente um estylo energico na invenção, graciosas phisionomias, um colorido vistoso, e um bom desenho. Mas a parte em que mais se mostraram grandiosos foi na composição; seguiram pouco o antigo e o bello ideal; e usaram, excepto alguns, de cores algum tanto vivas, e opostas a uma suave harmonia.

Seculo 13.^o — Eschola florentina.

Estabelecida por *João Cimabue*, que nasceu em 1240, e morreu em 1300. Os caracteres que distinguem esta eschola, são um estro poetico, um pincel livre e correcto, e um estylo nobre e grandioso. Nos seus quadros porem pouco gosto se acha do bello antigo, e as mais das vezes falta no colorido, ou por muito desfallecido, ou por demasiadamente forte.

Seculo 14.^o — Eschola flamenga.

Foi erecta por *João Van-Eyk*, nascido em 1370, e fallecido em 1441. Este famoso artista foi quem inventou a pintura a oleo. As qualidades distinctas desta eschola são uma perfeita intelligencia de claro-escuro, um bem acabado sem secura, um pincel gracioso, e uma douta união de tintas locaes.

Emquanto pois aos seus defeitos, imitou quasi sempre a natureza servilmente, tal qual em si mostra, e não qual deveria ser. É bastante numerosa esta eschola, porque comprehende tambem a holandezia e allemaã. Mas a maior parte das suas pin-

turas só representam bambuchatas, banquetes, paizes, fructas, flores.

Seculo 15.^o — Eschola veneziana.

Foi fundada por *Gentil Bellini*, que nasceu em 1419, e morreu em 1501. Os professores desta eschola teem um deuto colorido, uma summa intelligencia do claro-escuro; toques cheios de graça, uma fiel imitação da natureza; e pelo contrario um desenho pouco correcto, e pouco conveniente á historia e ao bello antigo, são geralmente os caracteres pelos quaes se distinguem as obras desta eschola.

Seculo 15.^o — Eschola lombarda.

Foi estabelecida por *A. André Montegna*, nascido em 1451, e fallecido em 1517. Foi elle o inventor de abrir as estampas a buril.

Os caracteres que distinguem esta eschola são um bom gosto de desenho, formado sobre a bella natureza, se bem inteiramente moderno; graça e colorido que surprehende, disposição magnifica, e expressão engraçada com transparentes contornos, são os distinctivos typos desta eschola, á qual é unida tambem a genoveza; mas ambas ellas falham na pouca intelligencia da historia, e do antigo, bem como igualmente a veneziana, de quem esta se originou.

Seculo 15.^o — Eschola romana.

Foi erecta por *Raphael Sanzio d' Urbino*, que nasceu em 1483, e morreu em 1520; o qual, apesar de ter vivido sómente 37 annos, excedeu os outros em tudo aquillo que a arte pôde ter de mais sublime. Os seus distinctivos caracteres são um gosto formado sobre o antigo, um desenho exactissimo, uma expressão erudita, um estro cheio de imaginação, e enriquecido de tudo aquillo que uma fervida phantasia pôde inventar de mais bello e de mais pathetico. A maior parte dos professores desta eschola usaram comtudo uma composição caprichosa, se bem elegante, e careceram tambem daquelle atractivo colorido da eschola veneziana e flamenga; defeito commum de todos que desenharam correctamente. Esta eschola traz a sua origem da florentina.

Seculo 16.^o — Eschola franceza.

Foi fundada por *Francisco Primaticcio*, nascido em 1490, e fallecido em 1570. É cousa bem difficullosa assignar a esta eschola caracteres distinctivos; porque cada um em particular dos seus artistas escolheu e estudou daquellas obras que mais lhe agradaram, e segundo ellas regulou a sua maneira. Porem, fallando geralmente, pôde dizer-se que os pintores francezes se tem feito admirar no genero do historico, mas ordinariamente são amaneirados, de pouco bom colorido, e bem longe estão da belleza do antigo.

Seculo 16.^o — Eschola bolonheza.

Foi estabelecida por *Ludovico Caracci*, que nasceu em 1555, e morreu em 1619. Os caracteres distinctivos desta eschola são grande gosto de desenho formado sobre o antigo, e sobre a bella natureza; cores muito naturaes; contornos fluidos; e uma rica disposição com um toque judicioso, nobre, e engraçado. Soube formar um composto do bom e do bello das outras escholas, e é-lhe devedora a pintura por ter-se opposto ao gosto amaneirado, que naquelles

tempos dominava na Italia. Deduz sua origem da eschola lombarda.

A. C.

NOVOS PROGRESSOS DA LITHOGRAPHIA.

Não estamos em divida com os nossos leitores relativamente aos mais principaes e mais generalizados inventos modernos, muito menos pelo que respeita á lithographia, tanto sobre a origem e a pratica desta rival da gravura, como ácerca da sua introdução e aperfeiçoamento em o nosso reino, e da companhia instaurada em Coimbra para a exploração das pedras proprias para esta especie de desenho (*). Mas como se nos offerece materia nova, justo é addiciona-la ao que a similhante proposito já fica dito.

Haverá um anno que o Sr. Luiz Tissier, que fôra demonstrador da aula de chymica em Lyão, descobriu um methodo, que do seu nome intitulou *tissierographia*, mediante o qual se gravam os desenhos na pedra lithographica por meios chymicos, que não vimos descriptos. Disse-se que esta descoberta produzia economia de tempo e de dinheiro, reproducção sempre authographa da obra do desenhador, inalterabilidade das chapas, e amplo desenvolvimento dado á gravura typographica, como chamam á impressão simultanea de estampas e lettras, que se verifica em jornaes como o nosso. Com desenhos abertos na pedra por aquella maneira cerrou o *Magazin Universel*, de Paris, a sua pomposa carreira: algumas dessas estampas mereciam attenção a par de outras gravadas em madeira, ainda que não lhes achavamos o macio destas, sahindo os traços cruzados nimiamente distinctos, parecendo-se com as junturas que se divisam n'algumas obras de mosaico. Não sabemos por ora a ulterior acceitação deste methodo novo.

Quanto ao nosso paiz temos á vista uma estampa linda, que não duvidámos appellidar um mimo da lithographia, e que affoutamente podemos appresentar aos artistas estrangeiros; com rasão nos ufanavamos citando as bellas cabeças, obra do lapis expressivo do Sr. Major Lopes, agora com a mesma justiça nos podemos vangloriar mostrando aquelle desenho de paizagem, primorosamente executado na pedra por outro benemerito militar. Reinam a suavidade, harmonia e graça no todo daquella formosa composição: representa-se uma casa campestre em meio de frondoso arvoredado, e assentada á beira d'agua; a folhagem, os troncos carcomidos que se vêem para a esquerda, a grosseira estacada pregada no ribeiro, as aguas limpidas, o aspecto do edificio rural, tudo é cheio de verdade na imitação da natureza: e podemos assegurar que ainda os entendidos tomarão a estampa por uma gravura delicada, e não por uma lithographia. O Sr. João José Ferreira de Sousa, lente decano da eschola do exercito, distribuiu os exemplares desta sua obra, que é ao mesmo tempo o seu primeiro ensaio no genero, pelas pessoas de sua amisade; mas esta circumstancia nos não priva de apontarmos o seu trabalho como honroso para a lithographia portugueza, e muito mais para os talentos artisticos do auctor. Rogámos por esta occasião aos proprietarios das officinas lithographicas que empreguem o maior esmero na preparação das tintas, na escolha das pedras, na perfeição da estampagem, e mais objectos accessorios, para que sempre vejamos reproduzidos com seu nativo esplendor os desenhos dos auctores, e pa-

(*) Consultem-se os artigos insertos a pag. 134 e 272 do vol. 2.º; 106, 272 e 320 do 3.º

ra que saíam tão acabados como achámos o de que ao presente tratámos.

NOTA AO ARTIGO INSERTO A PAG. 223 DESTA VOL.

Na segunda parte da *Catastrophe de Portugal*, escripta no anno de 1634, se trata do nascimento, vida e morte de D. Affonso 6.º, rei de Portugal, desde que foi deposto do governo até ser levado á sepultura, e de acções mui particulares, de que na primeira parte, que corre impressa, se não deu conta, porque o respeito impediu que a penna as escrevesse, ou os censores que o prelo as estampasse. Existe o seu original na livraria da Exm.ª casa de Cadaval, onde se diz que fôra alcançado das Memorias de Luiz Teixeira de Carvalho, que foi official-maior da secretaria d'estado, por cuja mão correu tudo o que se contem nas Memorias que elle comprehende; porem ha nellas umas circumstancias tão particulares, que fazem persuadir que só podiam ser dictadas e mandadas escrever pelo duque D. Nuno Alvares Pereira, que teve tanta parte na deposição deste monarcha: a lembrança da queixa, que delle teve, o faria esquecer das boas acções de D. Affonso e da gloria que deram á nação portugueza as victorias do seu reinado.

A. C.

QUEM não tem gozado as doçuras da amisade, franca e desinteressada, ignora a felicidade que um homem póde receber das mãos de outro homem.— Muitas pessoas tomam amigos como o jogador toma o baralho de cartas, que se serve dellas em quanto espera ganhar, e finda a partida as põem para a banda, e lança mão de outro baralho, que dahi a pouco regeita do mesmo modo.— *Young*.

Aldea illuminada por gaz. — A aldea de Fredonia, no estado de Nova-York, a meia legua do grande lago d'Eyrié é allumiada por uma fonte natural de gaz hydrogenio carbonetado. Ainda não ha 15 annos completos, ao demolir-se um moinho velho, reparou-se que na superficie d'um ribeiro, que atravessava o logar, se formavam bolhas d'ar com cheiro fetido, e o acaso descobriu que era inflammavel aquelle ar. Organizou-se logo uma companhia que montou no sitio um gazómetro, o qual fornece cem casas com luz boa e clara; cada uma das casas paga por isto uma retribuição annual de dollar e meio, que corresponde pouco mais ou menos a 1:200. rs.— Os americanos dos Estados-Unidos não deixam perder a minima occasião de desenvolver a sua industria e tendencia economica.

Todos os povos são supersticiosos. — No principio do seculo passado, sendo tão civilizada a França, ainda n'uma aldea de Maine, chamada Saulge, deado de Brulon, hoje departamento do Sarthe, havia uns *cryptos* ou subterraneos antigos, obra em parte da natureza, em parte dos homens, cujo destino não é certificado; é porem verdade que na epocha acima assignalada os rusticos daquellas visinhanças iam celebrar sacrificios gentilicos de frangas negras, apesar da vigilancia dos parochos; e foi necessario recorrer a ordens severas das auctoridades superiores para acabar com essas praticas de idolatria.

A experiencia dá eschola, onde as lições custam caro, mas que é a unica em que os faltos de juizo podem instruir-se.